

Após 8 anos, Henrique Duque se despede, acrescentando 1.700 docentes ao quadro da UFJF e possibilidade de abertura de até 520 processos seletivos

“O que ainda está para acontecer na Universidade vocês não imaginam!”

Flávia Lopes
Repórter

Ele liderou a UFJF durante seu período de maior crescimento. E os números não mentem. Angariou mais de R\$ 1 bilhão que transformou a estrutura da UFJF e criou novos horizontes para pesquisa, ensino, pós-graduação e para o desenvolvimento regional. Parque Científico e Tecnológico de Juiz de Fora e Região, novo Hospital Universitário, campus avançado de Governador Valadares, Jardim Botânico, Observatório Astronômico e Complexo Esportivo da Faculdade de Educação Física e Desportos, entre outras iniciativas listadas ao longo das próximas páginas, fazem parte do legado de Henrique Duque de Miranda Chaves Filho, construído ao longo dos últimos oito anos a partir de alianças, diálogos, um quê de teimosia e milhares de quilômetros percorridos entre Juiz de Fora, Belo Horizonte, Governador Valadares e Brasília em busca de recursos - que o fizeram superar o pânico de avião.

Nessa conversa, na sala de seu apartamento no Centro de Juiz de Fora, concedida aos jornalistas Paulo César Magella, Wilson Cid, Felipe Menicucci, Christina Musse, Rodrigo Barbosa, Oseir Cassola e Flávia Lopes, a dois meses do fim de seu mandato, Duque mostra de quem herdou a habilidade com políticos e o dom de gerir. Marcada pela descontração e emoção, Duque faz nesta entrevista um balanço de seus oito anos à frente da reitoria da UFJF e revela algumas curiosidades do cotidiano vivido nos últimos anos.

Após fazer seu sucessor na administração, aponta o crescimento da qualidade como principal desafio para os próximos anos. E deixa claro que sua carreira na vida pública, iniciada em 1998, como diretor da Faculdade de Odontologia, não deverá ser interrompida após 29 de agosto, quando deixa o cargo. “A gente tem que contribuir para que a coisa pública evolua.” Confira trechos da entrevista.

- A3: Quais as principais lembranças de sua infância?

- **Henrique Duque:** Tenho muitas e boas lembranças. Levantando a vida do meu pai recentemente, quando fui homenageado nos 102 anos de Rio Casca, revivi a experiência dele. E uma das grandes lembranças foi a amizade com o Juscelino Kubitschek, então Governador, que o ajudou muito na época em que ele foi prefeito. Rio Casca foi a primeira cidade a ter um posto de saúde. Em 1954, ganhou a primeira usina hidrelétrica, com tecnologia alemã. Eu convivi durante três anos com três engenheiros alemães que não falavam português. Lembro bem quando eu tinha uns 12 anos e Juscelino, ao me ver tentando comer frango com garfo e faca, falou para o meu pai: “eu posso ensinar esse

menino a fazer isso?”. O pai falou: “pode!” e ele: “pega assim” (faz o gesto de comer com a mão). Ele era o presidente da República e comeu com a mão! Quando ele inaugurou Brasília convidou meu pai, que teve que providenciar toda aquela indumentária própria, com gravatinha, cartola. Era uma amizade muito próxima que eu nem sei bem como surgiu. Mas eu sempre tive na minha vida duas referências de estadistas: JK e Lula.

- O seu pai foi eleito vice-prefeito e depois virou prefeito. Como foi essa história?

- Foi uma coisa interessante: o padre Antônio, pediu ao meu pai para ser candidato a prefeito. O outro candidato era o padre Napoleão, que era muito forte, e bater um padre numa eleição até hoje é uma coisa muito difícil em cidade

pequena. Mas o padre Antônio queria fazer uma política social e indicou o sacristão dele, o seu Dico, para ser candidato a prefeito, com o meu pai de vice. Foi acertado que, ganhando, o seu Dico renunciaria e meu pai assumiria a prefeitura um mês depois, em 1951. Foi o que aconteceu. Eles ganharam do padre Napoleão, que era integralista. E, no seu mandato, meu pai fez tudo aquilo que a cidade precisava em termos de saneamento, esgoto, luz, passeio, levou o posto de saúde. Foi revendo essa história que vi o quanto essas coisas marcam a vida da gente. Meu pai inaugurou várias escolas. Ele falava que cada escola que ele abria era uma cadeia que fechava. Isso em 1954. A visão que o meu pai tinha era uma coisa impressionante.



“Juiz de Fora não pode esperar desejo pessoal de ninguém. Temos que contribuir para que a coisa pública evolua”

- Nessa fase você o acompanhava?

- Quando construiu a hidrelétrica, todo dia ele tinha o hábito de acompanhar a obra, e adquiri isso dele. A gente saía de Rio Casca e andava oito quilômetros num jipe. E o acompanhei tanto na vida como político e quanto na vida profissional, como dentista. Meu pai era muito atuante. Lembro que quando inaugurou o asfalto para Ponte Nova, a turma brincou lá em Rio Casca: “Duque, agora você está perdido, porque sua clientela vai toda tratar em Ponte Nova”. Meu pai falou: “a estrada é mão dupla, do mesmo modo que vai para lá, pode vir para cá”. Depois que voltei a Rio Casca, houve sábado que tinham

seis carros parados para consultar com ele com placa de fora, de Caratinga, Ponte Nova... Eu tive muito orgulho daquilo.

- Encontramos agora também uma explicação para seu empreendedorismo na Universidade.

- Às vezes a gente não percebe os valores que as pessoas próximas da gente nos passam. Sempre tive muito orgulho do meu pai. Era uma pessoa de muita visão. O engraçado é que só depois que ele faleceu, em 98, é que eu comecei a mexer com política universitária. Foi nesse ano que iniciei como diretor da Faculdade de Odontologia.

- Aquele jovem de Rio Casca, que tinha um pai como referência, de repente veio para Juiz de Fora estudar... Você imaginava que iria ficar aqui em Juiz de Fora? Ajudar a fazer a história dessa cidade? Você pensou em voltar para casa, onde tinha uma família sólida, tranquila?

- Eu conheci Juiz de Fora em uma situação inusitada. Estava brincando com minha irmã, e ela quebrou um dente da frente. Viemos para Juiz de Fora para tratar com doutor Jair Vale, que foi professor do meu pai. Eu me lembro que fiquei no hotel Centenário, e nunca tinha visto tanta ferrovia. Também me lembro de ter assistido a um filme no Cine Central, “La



Investimentos

Nos últimos oito anos, a UFJF recebeu mais de R\$ 1 bilhão em investimentos que ampliaram a infraestrutura, instalações de ensino e possibilitaram a melhoria da qualidade do ensino, pesquisa e extensão.

Investimentos em infraestrutura

Reforma de seu restaurante universitário, modernização de complexo esportivo, construção de novas salas de aula, laboratórios, sedes para unidades acadêmicas e centro de apoio acadêmico, Corpo de Bombeiros, Centro de Convivência, vigilância

eletrônica, rede subterrânea de dados, novo prédio Faculdade de Medicina, novo prédio CPS, novo prédio Faculdade de Educação/Comunicação, novo prédio Farmácia, novo prédio Economia, novo prédio IAD, novo prédio ICE, novo prédio ICH. Está erguendo uma moradia estudantil, Campus de Governador Valadares, reestruturação do anel viário.

Hospital Universitário

O novo complexo hospitalar contará com 350 novos leitos, com atendimento exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Terá uma



Descontração e emoção: na sala de seu apartamento, Henrique Duque falou sobre sua trajetória na UFJF e revelou que deve continuar na carreira política

Violetera”. Conheci Juiz de Fora dessa forma. Mas já estava próximo, pois estudava em Bicas, quando morei na casa de um tio. Eu era muito agarrado à minha família. Quando eu fazia a mala, na hora, já começava a chorar de saudade de Rio Casca, dos meus pais. E tinha também alguns atritos com a mulher do meu tio. Sempre fui muito guloso para doce, principalmente, doce caseiro, goiabada com queijo... E quando me traziam, meus pais davam o doce para essa tia. Mas ela guardava no armário e não dava para a gente. À noite, quando estava todo mundo dormindo, eu ouvia a porta do armário abrindo, e pensava: “olha lá, ela está comendo o doce”. E não dava para a gente! Ela também obrigava a gente a vender laranja na estação. Tinha um trem noturno de Caratinga para o Rio, a gente levava um balaio e descascava a laranja para vender.

- Você sempre estudou em instituição pública?

- Quase sempre. Mas o científico eu fiz na Academia de Comércio, aqui em Juiz de Fora, onde os padres, na época, me abriram exceção. Eu fui “caderneteiro”, junto com um primo. Marcávamos a presença dos alunos, em troca, recebíamos um dinheiro, o que me permitiu estudar lá e me manter em Juiz de Fora.

- Você entrou na UFJF, em 1970 se formou. Mais tarde fez mestrado, doutorado e foi diretor com dois mandatos consecutivos, entre 1998 e 2006. Você sempre pensou que poderia ser reitor da UFJF?

- Tinha um sonho de poder fazer alguma coisa pela universidade que tanto me ajudou. Dar alguma coisa em troca. De aplicar o mesmo empreendedorismo com que conduzi minha vida pessoal na vida pública. Sonhava em ser reitor sim.

- Nesses seus dois reitorados qual foi o momento que mais te emocionou?

- Quando vejo na formatura o aluno indo me cumprimentar e dizendo: “valeu Duque, obrigado pela carona!”, já me emociono. A cada conquista que a Universidade tem, me sinto realizado. Eu vivo intensamente a Universidade. Na segunda semana de fevereiro deste ano, fizemos uma pesquisa com a comunidade acadêmica, que mostrou que tenho um reconhecimento entre ótimo e bom de 86% contra 10% de regular, e 4% de ruim e péssimo. Isso é o maior salário que um reitor pode ter. E o que ainda está para acontecer na Universidade vocês não imaginam! O anel viário será todo mudado, a Universidade vai ser toda iluminada com LED, vai mudar a pista central, a pista de caminhada. Teremos caminhada no bosque, sem contar a segurança eletrônica, que, no Brasil, só tem igual no Palácio do Planalto. Enfim, tem muita coisa prestes a sair.

capacidade de atendimento de 50 mil consultas/mês (atualmente este número gira em torno de dez mil consultas/mês). A área total a ser construída é 4,5 vezes maior que a já ocupada pelos dois prédios do atual HU - Dom Bosco.

Parque Tecnológico

Apontado como um dos principais equipamentos para garantir o desenvolvimento regional. Uma das metas é a atração de investimentos públicos e privados, nacionais ou internacionais, para um grande estímulo à pesquisa e ao desenvolvimento empresarial.

Jardim Botânico e Planetário

São empreendimentos que além de um imenso estímulo à pesquisa, são opções de lazer para toda a comunidade. Esses equipamentos poderão impactar a criação não apenas do turismo de eventos, mas do turismo de passeio no município.

Pós-graduação

Programas de mestrado e doutorado tiveram ampliação da quantidade e qualidade dos cursos. Os mestrados mais que dobraram, passando de 16 para 33. Os doutorados cresceram 150%, passando de 6 para 15.



- Quais as maiores dificuldades que enfrentou como reitor?

- Eu tive alguns desafios e umas três vezes pensei em ir embora. Um primeiro grande desafio foi na votação do Reuni: às 7h chegaram na minha casa duas pessoas falando que a segurança durante a sessão do Conselho Superior no Mamm ficaria a cargo de vigilantes terceirizados. Eu fiquei muito tenso e tive que tomar a decisão de chamar a PM para garantir a sessão e a integridade dos Conselheiros. Mas fui muito criticado. Outra dificuldade foi em relação à comprovação de renda na cota social. Fizeram uma regra, já no início das aulas, que excluiu a matrícula de cem alunos. Eu estava na igreja São Judas Tadeu, santo do qual sou devoto, e já tinha um pai de aluno me esperando para saber porquê tinham feito aquilo. Um rapaz que faz churrasco aqui em casa me contou que a sua menina tinha passado no bacharelado de Moda, a família ficou orgulhosa e, de repente, ela está desclassificada. Fiquei uns oito dias sem dormir, até que um coordenador da Engenharia achou uma norma que permitia o recurso. Eu sentei três dias inteiros ouvindo os pais, com os filhos e com a pró-reitora de Assistência Estudantil. No fim, só ficou um aluno de fora, porque a renda extrapolava mesmo. Aquilo mexeu muito comigo. Eu vi motorista de ônibus com filho passando em Medicina. Só gente humilde e muito capaz. A outra vez foi envolvendo também questões de ingresso na UFJF. Deixaram vazar uma classificação errada e, duas horas depois, ela estava invertida. Mas quem tinha pego a primeira lista comemorou, contou para a família, teve gente que tomou até trote. Na segunda-feira, quando soltaram outra classificação tinha muita gente excluída. Isso desmonta qualquer um. Eu tinha um cachorro, um *sharpei*, que quando eu deprimia ficava aqui sentado do meu lado. Ele morreu esse ano de câncer. Aqui em casa foi um luto. Só eu, a família e o cachorro, que sabíamos os apertos que eu passava. Mas foram tantas alegrias que estes problemas ficaram para trás.

- Ao apontar a sua obra, a síntese da sua parcela de administração, como você definiria o seu legado?

- Eu sempre falo uma coisa: Deus não me ajuda; ele me carrega. Sempre achei que sou instrumento de alguém. Sou ansioso, inquieto e não me acomodo com pouca coisa. Sempre busco e, quando alcanço alguma coisa, busco mais. E anoto tudo. Chega 11 e meia da noite, vou pensando em tudo o que tenho que fazer e, às vezes, pego o batom da Graça (esposa) e anoto no espelho do banheiro. No dia seguinte, acordo e está tudo lá, anotado. Como vim de origem simples, sempre vi que na vida pública também você pode fazer coisas boas. Por exemplo, naquela mesma pesquisa de fevereiro, as pessoas apontaram que o que mais as impressionam na UFJF é a infraestrutura. Reconheço que impressiona, pois muito foi feito e é muito mais visível. Mas tem hora que paro e penso no tanto que conseguimos avançar na parte pessoal, de servidor (técnico-administrativos - TAEs - e docentes). Eu costumo falar que um saco de cimento, muitas vezes você consegue com facilidade. A coisa mais difícil é ganhar um cargo de servidor. Só para você ter uma ideia, na administração anterior à minha, foram chamados 32 novos docentes e 44 TAEs. Na nossa gestão, começamos com cerca de 700 professores e vamos terminar em torno de 1.700. E, além desses, temos a possibilidade de fazer até 520 processos seletivos para professores equivalentes. Nos TAEs, o crescimento também já supera cem por cento. Uma das minhas metas é deixar a UFJF sem terceirização, exceto nos setores que a lei não autoriza concurso. Isso para mim foi a principal conquista.

- E os investimentos trazidos para a UFJF?

- Toda vez que divulgamos novos investimentos, a Universidade fica visada e há uma tendência em fechar portas. Perdemos apoio, atraímos inveja. O ministro da Ciência e Tecnologia (Clélio Campolona), fala comigo que durante os quatro anos em que ele foi reitor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) eu sempre bati ele

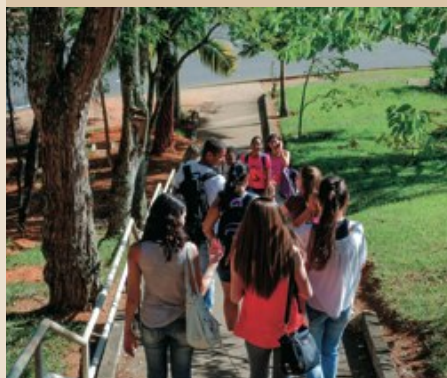
em relação ao volume de investimentos. Quando ele foi convidado agora para ser ministro, eu fui cumprimentá-lo e ele falou: "dinheiro comigo você não leva, não!". Brinquei com ele, e ainda estou tirando uma beiradinha lá no Ministério (risos).

- Reza a lenda que você, quando chega à Brasília, leva a goiabada cascão lá de Rio Casca, um bom queijo e doce de leite, e já começa conversando com o rapaz do elevador, chega na secretária, até ao ministro. Isso é lenda ou verdade? Porque você abre portas com uma grande facilidade.

- É o meu jeito. Gosto de conversar com todos, sei o nome das pessoas, desde o recepcionista ao cara do elevador, e vejo que elas também me tratam com carinho e amizade. Mas a história da goiabada não é lenda, é verdade. Chego a levar uma caminhonete de goiabada da Suzi, perto de Ponte Nova. Os ministros recebem um balde dela, em formato de geleia. Aquilo faz história, você não queira imaginar. Graças a Deus, eu tenho muita facilidade em fazer amizades e mais ainda em conservá-las.

- Eu queria que você comentasse a respeito de ensino a distância na Universidade, que cresce nos últimos anos. Isso deve ser uma aposta para os próximos anos de administração?

- Eu sou de uma geração que não acreditava nessa ferramenta de ensino a distância. Achava que isso ia ser uma "fabriqueta de diploma". Mas tive a oportunidade de visitar 28 polos (hoje são 56), um a um, para conhecer a realidade deles. E foi uma experiência impressionante. A maioria dos polos era de pessoas de média idade e até na terceira idade. Quando vencem a barreira do computador e todas as dificuldades, percebo que se dedicam muito mais que no ensino presencial. Existe muita evasão, mas é impressionante a garra das pessoas que continuam. E eu, que não acreditava nisso, hoje vejo a educação a distância como uma ferramenta do futuro. Nós hoje temos ensino a distância na África (em Moçambique), um curso de administração pública,



Internacionalização

O número de bolsas destinadas a estudantes da instituição em intercâmbios por programas próprios da UFJF passou de 27 para 310. Já o número de destinos saltou de cinco para 44. Os acordos internacionais que eram dez, já somam 120, além de 200 parcerias.

Assistência estudantil

As bolsas de Assistência Estudantil passaram de 400 para cerca de 5.000. Já o RU, além de contar com a manutenção do preço de R\$ 1,40, passou a oferecer

café da manhã, ter abertura aos domingos e feriados e ampliou o número de refeições servidas. É o menor valor entre as universidades da Região Sudeste.

Novos cursos e vagas

A UFJF oferecia cerca de 2.000 vagas no processo seletivo da Graduação. Em 2014, ofereceu 6.000 vagas em cursos presenciais e a distância.

Incentivo à pesquisa

O número de bolsas de Iniciação Científica mais que dobrou, passando de 440 para 963.

que também tive a oportunidade de conhecer. E o MEC (Ministério da Educação) vem medindo a qualidade desse trabalho. Quando assumi, tínhamos 300 alunos. Hoje estamos beirando quase seis mil alunos de ensino a distância. Estamos com um programa no MEC que, se for aceito, vamos ampliar para mais três mil alunos. É um mestrado profissional para capacitar diretores no ensino médio do país todo.

- Há duas questões que sempre povoaram as agendas dos reitores, uma delas é a universidade paga, e a segunda é sobre a questão de cotas.

- Eu sou contra a universidade paga. Pelo volume de imposto que a população paga, acho que o mínimo que o governo pode dar é um ensino superior gratuito de qualidade. Mas uma das coisas que está precisando haver é a valorização da coisa pública. Precisamos despertar nos jovens essa consciência. Quanto às cotas, eu tive muita dificuldade de compreender a racial, pois todos somos iguais. Mas avaliando os dois lados, vejo que a sociedade tem uma dívida com o negro. Mas sou mais a favor da cota social, a partir de critérios socioeconômicos, como renda familiar, escola pública. Acho que é uma conquista que hoje a gente não deve mexer, mas precisamos fazer sempre avaliações.

- Diante de tanta atividade, de correrias do seu dia a dia, que é tão atribulado, como é que você imagina o dia 2 de setembro, quando não será mais reitor?

- Eu já tive convite do Governo para assumir cargos, dentro do próprio MEC. Por duas vezes o (então) ministro Fernando Haddad me chamou para ser secretário de Ensino Superior. Eu não quis porque sabia que essa oportunidade que estava tendo aqui na UFJF iria acabar. Eu tive possibilidade de ser presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e não quis. Eu sou egoísta, quero cuidar só da UFJF. Em dezembro de 2013, o governo me chamou novamente, para ser secretário executivo de um ministério, que

não vou dizer qual, mas que tinha orçamento de quase R\$ 20 bilhões e eu também não tive vontade de ir para lá. Eu vou continuar participando da vida da UFJF. Já combinei com o Júlio (Chebli - reitor eleito) e vou continuar ajudando, pois ainda tem muita coisa para a gente batalhar, conquistar. E vou cuidar da minha fazenda.

- No ano passado, durante o processo pré-eleitoral o seu nome surgiu em várias listas, e você chegou até a consultar um grupo de amigos se largaria a Universidade para ser candidato a deputado. A opção foi por continuar na vida acadêmica. Agora, desonerado da reitoria, há algum plano para 2016?

- Uma coisa que a gente observa, pela forma como a turma me destaca - e que é natural em mim, e não vejo isso como grande valor -, é que no Brasil faltam pessoas que fazem as coisas acontecerem. Muita gente fala que aqui em Juiz de Fora parece que enterraram uma cabeça de burro e a cidade não evolui. Mas você vê pessoas que tentam fazer alguma coisa e vê pessoas que acabam abandonando a cidade. Eu não. Eu sou teimoso, sou de Capricórnio, e quero terminar algumas coisas aqui. Por exemplo, o Hospital (Universitário), o Parque Tecnológico, que no meu entendimento muda a vida da Universidade, da cidade e de toda região. Se eu tiver que deixar a UFJF amanhã para assumir algum cargo, você pode ter certeza que vai ser um cargo onde eu vou olhar para a minha terra, porque sou cidadão juiz-foiano, com muito carinho. Só deixarei a cidade se eu tiver numa função em que possa trabalhar por ela, para terminar esses meus sonhos - e nesse meu sonho quero incluir Governador Valadares. Eu acredito que vou caminhar na carreira política.

- Como prefeito?

- Juiz de Fora não pode esperar desejo pessoal de ninguém. A gente tem que contribuir para que a coisa pública evolua. Mas não tenho perfil de legislador, tenho mais perfil executivo.

- Isso é um recado?

- Pode ser. Já fui convidado até para transferir o meu título para Governador Valadares. Se a condição econômica do Brasil estiver regular eu sou candidato a alguma coisa. Se ela estiver péssima, estou fora.

- Concluída essa sua transformação no sentido da inclusão e do crescimento, o que é que você enxerga como o próximo degrau para a UFJF? Qual é o desafio, o próximo capítulo?

- O próximo capítulo da Universidade é o crescimento na qualidade. A UFJF já desponta no cenário internacional e não tenho dúvida que, ao fechar esse ciclo, o crescimento em termos de qualidade será muito acentuado. A nossa esperança é o Plano Nacional da Educação, no sentido de garantir recursos para o ensino superior. Mesmo com esse avanço do governo do PT, ainda há uma distância muito grande a ser percorrida. Devemos apostar muito no Parque Tecnológico. São perspectivas que prometem muito em termos de pesquisa, de crescimento na graduação. Acho que nós vamos ter bons cenários, colocando a nossa universidade num patamar mais elevado.

- Nas suas horas de lazer (e nesses dois reitorados não deve ter tido quase nenhuma), o que você gosta de fazer?

- Deve ter uns três ou quatro anos que eu não tiro férias. Lazer para mim, quando chego exausto, é pegar o jornal: sou daqueles que gostam de ler o jornal no papel. Tem noite, pode perguntar à Graça (esposa), que saio daqui à meia-noite para olhar a obra do Hospital. O meu lazer, o meu domingo, também se ligam ao trabalho, além da família e da fazenda.

- Tem alguma mágoa?

- Nenhuma. Uma coisa que não sei guardar é rancor. Não tenho raiva de ninguém. Sempre conduzi a administração superior sem brigas, sem picuinhas, sem divisões, sem perseguições. Procuro olhar sempre para frente. ●

Novos servidores

A UFJF recebeu mais de 1.500 novos servidores, entre docentes e técnico-administrativos em educação. Foi uma das maiores contratações do país na comparação com universidades de mesmo porte.

Qualificação

A UFJF tinha 469 doutores e hoje são mais de 900. Com a implantação do Programa de Apoio à Qualificação - Graduação e Pós-Graduação stricto sensu (Proquali), mais de 400 TAEs e professores passaram a receber benefícios para se qualificarem,

como R\$ 700 (no caso da graduação) ou R\$ 1.600 (mestrado ou doutorado). Entre 2007 e 2013, a UFJF capacitou 3.745 servidores, com a realização de 588 eventos de capacitação.

Júlio Chebli e Marcos Chein foram os nomes indicados para reitor e vice, respectivamente, em consulta feita pela Universidade Federal de Juiz de Fora à comunidade acadêmica, nos dias 9 e 10 de junho. Eles receberam 59% dos votos, em um único turno.

